

RAFAEL GONÇALVES DA LUZ

**APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM UMA COMUNIDADE
DO BAIRRO UBERABA: A VIOLÊNCIA COMO POSSÍVEL FATOR LIMITADOR.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Dra. Simone Rechia

**CURITIBA
2010**

**“Pois paz sem voz
Paz sem voz
Não é paz é medo”
(Minha Alma, O Rappa.)**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grato a Deus, pois em todos os momentos sempre esteve comigo. Obrigado Senhor, pelo Deus maravilhoso que és.

Agradeço a minha amiga e namorada Aline Bonfim pelo amor, paciência e colaboração para a realização deste estudo. A minha família pelo carinho, apoio e pela força. Ao meu pai Sérgio, ao meu irmão Maicon, a minha vó Iria e especialmente a minha mãe Cristina.

Aos Professores que colaboraram com a minha formação acadêmica, especialmente a Simone Rechia, que durante boa parte deste percurso me orientou, incentivou e me concedeu a oportunidade de participar do GEPLC, no qual pude crescer não somente nos aspectos profissionais, mas também nos aspectos pessoais. E falando no GEPLC, sou grato a todos os seus integrantes: Flavia, Aline Tschoke, Mariana, Pedro, Luize, Vanessa, Talita, Andrey, Christian, Karine, Marina, Tânia, Simone Joukoski, Paola, Daniella e a Thaís.

Aos colegas de sala de aula, especialmente a Tathiana, Stephane e Daniel Bahia que estiveram juntos comigo no período da tarde e posteriormente no período da manhã. E ao Everton, pelo companheirismo durante a minha participação no grupo de estudo do amigo e Professor Rogério.

Agradeço aos amigos da Igreja Adventista do Sétimo dia do Jardim Maringá, ao lado de vocês pude compreender o sentido que o termo “irmão” acarreta.

E as crianças e adolescentes da comunidade do bairro do Uberaba, obrigado pelos valiosos ensinamentos, sempre os guardarei comigo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. A CIDADE.....	4
2.1 Uberaba	9
3. O FENÔMENO LAZER.....	12
4. O FENÔMENO VIOLÊNCIA.....	14
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	17
6. DISCUSSÃO DOS DADOS.....	23
7. CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO.....	32

RESUMO

O objetivo desta presente pesquisa, se caracterizou em compreender até que ponto a falta de segurança, em determinada região do bairro Uberaba na cidade de Curitiba, interfere na apropriação dos espaços públicos de lazer, na perspectiva dos adolescentes com idade de 13 a 16 anos. Para tanto, utilizamos uma abordagem de caráter exploratório, sendo a coleta de dados realizada por meio da aplicação de um questionário a 70 adolescentes. O qual foi aplicado no Colégio Estadual Alfredo Parodi, localizado na região pesquisada, com as turmas da 8ª série. Pois nesta série, concentra-se o maior número de pessoas que estão na faixa etária analisada. Assim, o questionário permite, segundo Molina Neto (2004), obter informações sobre um sujeito ou grupo. Analisando os dados coletados, ficou constatado que a violência é um fenômeno presente no bairro do Uberaba. Uma vez que, para a maioria dos adolescentes, os espaços de lazer não oferecem segurança. Concluímos que segundo a opinião dos sujeitos, além do fato da insegurança interferir na apropriação dos espaços, outros fatores como infra-estrutura, equipamentos e limpeza deficitária também interferem no uso.

Palavras chaves: violência, espaço e apropriação.

1. INTRODUÇÃO

A cidade reúne pessoas de diversas origens, níveis de instrução, de condição socioeconômica, de oportunidades, de escolhas, constituindo-se assim como um rico campo de análise. Atualmente, percebe-se no cotidiano das cidades, diferentes tensões urbanas vivenciadas pelos seus habitantes. Tais tensões acentuam contrastes entre individual e o coletivo, prazer e medo, risco e liberdade, confiança e desconfiança, formando paisagens cotidianas em constante movimento (RECHIA, 2003).

Sendo assim, é no espaço público que a cultura e as relações sociais são desenvolvidas, principalmente nos espaços de lazer, pois proporcionam ao cidadão o contato com o outro. Contudo, a apropriação destes espaços está relacionada com a segurança proporcionada. “quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas.” (JACOBS, 2000, p. 29). Se o indivíduo não sente que determinado espaço é seguro, ele tende a limitar o seu uso.

Nas regiões periféricas das cidades, como no caso de determinada localidade do bairro Uberaba, situado na cidade de Curitiba, os atos de violência são mais evidenciados e o sentimento de insegurança permeia a maneira como os indivíduos se relacionam. Em algumas regiões, o horário que o cidadão pode caminhar pelas ruas é ditado pelo “toque de recolher”.

Diante dessas questões, o objetivo desta pesquisa, buscou compreender até que ponto a falta de segurança, em determinada região do bairro Uberaba, interfere na apropriação dos espaços públicos de lazer, na perspectiva dos adolescentes com idade de 13 a 16 anos. A escolha da faixa etária pesquisada ocorreu por ser um público, que possui certa autonomia em frequentar os espaços públicos de lazer, sem necessariamente ter a supervisão de um responsável.

Já a escolha da região investigada ocorre devido à participação do autor no GEPLC¹, o qual desenvolve ações de esporte e lazer no bairro do Uberada, desde o ano de 2008.

¹ Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade, localizado no Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná.

Buscamos por meio deste estudo, fomentar discussões sobre políticas públicas, referentes às questões de segurança. E que envolvam a apropriação dos espaços de esporte e lazer, de comunidades localizadas na periferia e de risco social.

Visto a existência de pesquisas acadêmicas que discutem as formas de apropriação dos espaços públicos de esporte e lazer nas regiões periféricas da cidade de Curitiba, dentre elas citamos a “Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer” sob autoria de Felipe Sobczynski Gonçalves (2008) e “Lazer na infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba/Paraná” de Aline Tschoke (2010). Acreditamos que este estudo fornecerá novos subsídios para pesquisas na área. Pois, sob os olhares dos adolescentes, discutimos as possíveis limitações que a insegurança pública acarreta na apropriação dos espaços de lazer.

Nesta pesquisa, utilizamos uma abordagem de caráter exploratório, pois a partir desta escolha, acreditamos ser possível problematizar o tema proposto. Para tanto, além de buscar fundamentação teórica sobre a problemática, utilizamos o questionário como instrumento de coleta de dados, como aponta Molina Neto (2004), por meio do questionário podemos obter informações sobre um sujeito ou grupo. Nesse sentido, “... o valor do questionário depende da riqueza das questões que contém, da precisão como elas são colocadas e da adequação de sua extensão”. (MOLINA NETO, 2004, p.82).

O questionário foi aplicado aos alunos das 8ª séries, do Colégio Estadual Alfredo Parody, que estiveram presentes no dia da coleta. Pois é nesta série que se concentra o maior número de estudantes, que estão na faixa etária selecionada para a pesquisa. Sendo que este Colégio está inserido na comunidade investigada.

A coleta dos dados ocorreu no mês de outubro de 2010. Primeiramente solicitamos a autorização da equipe pedagógica da Escola para a realização da pesquisa com os alunos. Logo após a autorização concedida, aplicamos os questionários. Apresentamos-nos e informamos quais eram os objetivos da pesquisa. Avisamos que a participação não era obrigatória e que os alunos deveriam responder o questionário, se assim o quisessem. Posteriormente a distribuição do questionário, explicamos quais eram os objetivos de cada questão. Assim coletamos 70 questionários respondidos, sendo 35 respostas femininas e 35 masculinas.

O questionário foi composto inicialmente por duas perguntas pessoais, sendo estas, idade e sexo. Posteriormente, por cinco questões abertas, (1) Você frequenta os espaços destinados ao lazer da comunidade (parques, bosques e praças). Sim, por quê? Ou não, por quê? (2) O que você mais gosta de fazer nos parques, bosques e praças? (3) Você acha esses espaços (parques, bosques e praças) seguros, por quê? (4) Quais motivos você acha que interfere no uso dos espaços destinados ao lazer (parques, bosques e praças)? E a última, (5) Se fosse para melhorar a segurança dos espaços (parques, bosques e praças) o que você faria?

Deste modo, no capítulo 2 “a cidade”, capítulo 3 “o fenômeno lazer” e capítulo 4 “o fenômeno violência”. Apresentamos, respectivamente, considerações sobre como a constituição da cidade de Curitiba a partir da implementação do plano diretor na década de 70, trouxe grandes transformações físicas, econômico-sociais e culturais para a cidade. Em seguida focalizamos o nosso estudo para o bairro do Uberaba, no qual apresentamos algumas características da região analisada. Posteriormente, abordamos questões referentes a importância dos espaços públicos de lazer, na constituição da sociedade. E por último, apontamos como as desigualdades sociais colaboram para a construção de uma sociedade injusta e para a naturalização do estado de violência.

Nos capítulos 5 “análise dos dados” e 6 “discussão dos dados”, apresentamos os relatos dos adolescentes a partir das informações contidas nos questionários. Analisando as relações entre as respostas dos mesmos com o referencial teórico proposto.

Finalizando as discussões deste estudo, no capítulo 7 “considerações finais”. Buscamos fazer uma síntese final do trabalho. No qual procuramos apresentar os fatores que interferem na apropriação dos espaços públicos de lazer, na comunidade do bairro Uberaba selecionada para a pesquisa, sob a perspectiva dos adolescentes entrevistados.

2. A CIDADE

As grandes cidades como conhecemos hoje, resultam de um processo de modernização, que teve a sua origem em sociedades que se organizavam em pequenas cidades com características rurais, pois “antes de 1850 nenhuma sociedade poderia ser descrita como predominante urbana”. (DAVIS, 1972, p.14)

As transformações que ocorreram nas cidades durante os anos, a sua modernização e o aumento considerável do número de habitantes, fez surgir outros termos para denominá-la, como metrópole, megalópole. Metrópole seria o termo utilizado para denominar os grandes centros urbanos, “onde existe uma complexidade de funções, capazes de atender a todas as formas de necessidades da população urbana e nacional ou regional. Esta seria, realmente a metrópole completa”. (SANTOS, 1965, p.44)

Um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento das metrópoles foi a revolução industrial, “a divisão do trabalho e o aumento da produtividade tornaram possível a concentração humana em cidades, e a cooperação do trabalho tornou-a necessária, uma vez que o novo sistema exigia a proximidade de trabalhadores...” (BLUMENFELD, 1972, p.54). Com o surgimento da revolução industrial, o trabalhador era praticamente obrigado a deixar a vida no campo, para começar uma nova vida na cidade, devido à oferta de trabalho, “... atraído pela cidade, melhor seria dizer que expulso, ou empurrado por uma zona rural incapaz de sustentá-lo” (SANTOS, 1965, p. 8). A migração do campo para a cidade proporcionou a expansão das cidades e o seu aumento populacional. Pois, os centros das cidades começaram a não suportar o elevado número de habitantes, o que ocasionou uma descentralização da população para os subúrbios, em busca de moradia.

Juntamente com o processo de industrialização, ao longo dos anos, o capitalismo foi e continua determinando como a cidade é constituída.

A cidade conserva um caráter orgânico de comunidade, que vem da aldeia, e que se traduz na organização corporativa. A vida comunitária (comportando assembléias gerais ou parciais) em nada impede as lutas de classe. Pelo contrário. Os violentos contrastes entre riquezas e a pobreza, os conflitos entre os poderosos e os oprimidos não impedem nem o apego à Cidade, nem a contribuição ativa para a beleza da obra. (LEFEBVRE, 2001, p. 5)

Para Lefebvre, a cidade deveria ser vista como uma obra, ou seja, um fruto humano, que iria além dos valores de troca² e das riquezas materiais, entretanto, em busca do poder econômico, a cidade passa a ser vista como um produto.

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (2001, p.6).

O Valor de troca pode estar relacionado à busca pelo lucro, por meio da especulação imobiliária, em que o desenvolvimento da cidade estaria subordinado a investimentos realizados por empresas privadas. Já o valor de uso relaciona-se ao habitar, no qual o indivíduo participa "... de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. A vida urbana detinha, entre outras, essa qualidade, esse atributo" (LEFEBVRE, 2001, p.16).

Na periferia, o proletariado encontra-se afastado do centro da cidade, o que dificulta a sua participação nas decisões que envolvam o desenvolvimento da cidade. Logo, o indivíduo poderá não se reconhecer como agente pertencente a sociedade, pois não participa do seu processo de construção.

Segundo Jacobs (2000, p. 127), as vantagens que a cidade oferece a população, seria a variedade de opções e a fartura de oportunidades. Contudo, nas periferias das cidades, como em determinada região do bairro Uberaba, situada na cidade de Curitiba, observamos que a população que reside nesses bairros, não desfruta das variedades de opções e da fartura de oportunidades que a cidade oferece. Tais benefícios, muitas vezes, não são oferecidos de igual maneira para todas as classes sociais. "Ao nível da política urbana, identificamos em Curitiba determinadas formas de atuação que dizem respeito, basicamente, a estratégias de preservação do bem estar e da qualidade de vida de alguns segmentos da população urbana, sobretudo, os de classe média" (SÁNCHEZ, 1993, p.156). Ao mesmo tempo em que a cidade se moderniza, privilegiando determinados setores da sociedade, ela é excludente com as

² O valor de uso e o valor de troca podem ser encarados em suas relações qualitativas e quantitativas. Pelo aspecto qualitativo podemos considerar a mercadoria como um valor de uso, uma mercadoria que através de suas propriedades satisfaz determinada necessidade humana. Já em relação ao aspecto quantitativo, seria à quantidade de trabalho necessária a produção de determinada mercadoria, desta forma, valor de troca permite que se faça equivalência entre os valores dos produtos.

demais classes que não possuem recursos financeiros, capazes de desfrutar dos benefícios que o processo de modernização traz.

A imagem que é atribuída a Curitiba, como cidade de primeiro mundo, cidade planejada, cidade ecológica, teve o seu início na década de 70. O então prefeito Jaime Lerner, inicia a fase de implantação do Plano Diretor³, possibilitando uma série de transformações urbanas que modificaram a imagem da cidade. “... é a partir daí que Curitiba desfrutou da mais profunda transformação física, econômico-social e cultural de sua história.” (RECHIA, 2003, p.24).

As transformações físicas compreendiam a cidade como um todo, apresentando como característica básica a sua “globalidade, que foi obtida mediante o tripé formado pelas propostas relativas a sistema viário, transporte de massa e uso do solo, tratados de forma integrada” (SÁNCHEZ, 1993, p.92).

Já a transformação econômico-social, aconteceu por meio da criação do bairro da CIC – Cidade Industrial de Curitiba. Por meio de incentivos ao setor industrial, o município buscou atrair a instalação de indústrias não poluentes no presente bairro. “A CIC é o maior bairro de Curitiba. Ela corresponde ao distrito industrial da cidade e foi concebida como o motor do desenvolvimento industrial do Município e como uma área urbana provida de todos os serviços necessários.” (GONÇALVES, 2008, p. 1).

As transformações culturais, segundo Rechia, talvez tenham sido um dos aspectos mais expressivos dessa fase de revitalização da cidade.

Ela teve início com a promoção paulatina de uma identidade própria para a cidade, fundamentada em referenciais urbanos. Os instrumentos inicialmente utilizados buscavam a revitalização dos setores históricos e tradicionais da cidade e a apropriação de parques públicos por meio de um programa cultural que conectava lazer e cultura. (RECHIA, 2003, p.25)

A partir dos anos 70, Curitiba passa por um processo de modernização e controle do seu espaço físico, na qual os resultados do novo desenho urbano produziram a imagem de uma cidade projetada para oferecer qualidade de vida. Contudo, para atingir tais objetivos, diversas ações foram executadas pela prefeitura, como a criação dos ônibus expressos que trafegam em vias exclusivas, sendo que a sinalização do trânsito é sincronizada priorizando o transporte público. As soluções do

³ O Plano Diretor, sobre a administração do IPPUC -Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba- visava ordenar o processo de desenvolvimento da cidade.

transporte público de Curitiba, a integração entre os bairros e a velocidade no deslocamento, serviram de exemplo para outras cidades, como Nova York nos EUA, que no ano de 1992, adota em Manhattan, uma linha experimental, semelhante ao modelo curitibano.

A implantação de ruas de pedestres, a preservação do centro histórico, a criação de pontos de encontro como as praças, surgiram como soluções para diminuir a concentração de veículos na área central. Para o progresso de uma cidade, seria necessário adequar o seu sistema de transporte, “o transporte de massa atua decisivamente como indutor do processo de crescimento das cidades, desde que sua implantação esteja associada ao uso do solo e ao sistema viário” (IPPUC, Inventário, 1983. citado por SÁNCHEZ, 1993, p.99).

A preservação do meio ambiente e a criação dos espaços de lazer, também fizeram parte do planejamento da cidade. “Identificamos, no entanto, outras marcas da intervenção urbanística associadas ao objetivo de se equipar a cidade globalmente como, por exemplo, a criação e implementação de áreas de lazer e áreas verdes”. (SÁNCHEZ, 1993, p.94). Com o intuito de preservar o meio ambiente, ocorre a transformação das grandes áreas verdes em parques públicos, uma opção de espaço de lazer, junto à natureza.

Contudo, Curitiba como as demais cidades, apresentam grandes problemas decorrentes do crescimento do número de habitantes, a falta de creches, empregos, violência, saúde, moradia, saneamento básico, transporte público, mesmo sendo referência no Brasil, o transporte assim como o trânsito estão caóticos.

Curitiba apresenta diversos espaços públicos, especialmente na área do lazer como as praças, bosques, parques. Tais lugares, quando apropriados, são excelentes meios de socialização, pois permitem o contato com o estranho e a troca de experiências. Segundo Gomes (2002, p.162)

O espaço público é, antes de mais nada, o local onde as afinidades sociais e as diferenças são vivenciadas. Surgindo a partir daí, então, a possibilidade de diálogo e de transformação. O espaço público é, assim, um desfile variado de cenas comuns onde se exercita a arte da convivência. É também um lugar de conflitos, de problematização da vida social. [...] todas as cidades dispõem de lugares públicos que correspondem à imagem da cidade e de sua sociabilidade, por meio dos quais se produz uma espécie de resumo físico da diversidade socioespacial daquela população, daquele lugar, transformando espaços em lugares. (citado por RECHIA, 2003, p. 131,).

Sendo um lugar de convívio comunitário, é no espaço público que as relações sociais se organizam, e o indivíduo tem a possibilidade de conviver com realidades culturais diferentes das suas. A transformação de espaço para lugar acontece a partir das relações que ocorrem no espaço, quando o dotamos de vida e significados os espaços antes desconhecidos transformam-se em lugares.

O bairro do Uberaba, assim como os demais bairros periféricos de Curitiba, apresentam alguns espaços de lazer, como praças e bosques. No entanto, para que esses espaços sejam utilizados e se tornem significativos para a população é necessário que a comunidade se aproprie e se identifique com os mesmos, transformando os espaços em lugares com significados e sentidos.

2.1 UBERABA

O bairro do Uberaba está localizado na região periférica de Curitiba, fazendo fronteira com o Município de São José dos Pinhais, segundo dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, a população projetada para o ano 2010 será de 76.144 habitantes.

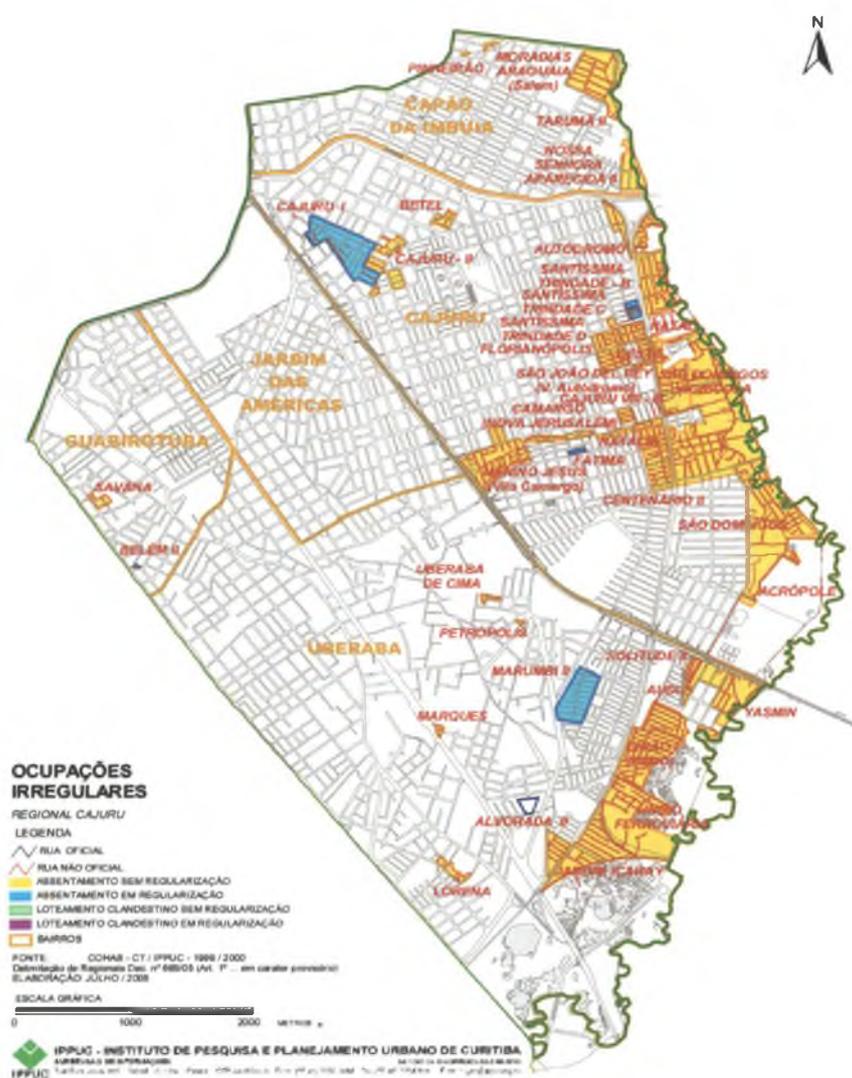
Figura 1: Mapa do bairro Uberaba, com destaque para a localização do Colégio Alfredo Parody



A região delimitada para a pesquisa concentra-se em torno do Colégio Estadual Alfredo Parody, instituição na qual foi aplicado o questionário aos adolescentes.

Conforme pode-se observar na figura 2, algumas residências da região, encontram-se em condições irregulares de moradia. Segundo Tschoke “... a proximidade à ferrovia é característica de grande parte das áreas de ocupação irregular em Curitiba” (2010, p.29,). O que podemos confirmar, pois as casas da região encontram-se ao lado da ferrovia.

Figura 2: Ocupações Irregulares no bairro Uberaba, em destaque a região pesquisada.



A população que reside nessa região do bairro Uberaba, é em sua maioria de classe baixa, recendo até três salários mínimos ao mês. “Pode-se, assim, caracterizar a

população residente na área pesquisada como apresentando baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio”. (TSCHOKE, 2010, p. 34).

Outra característica da região, é a falta de segurança e os altos índices de violência, segundo levantamento realizado pelo jornal Gazeta do Povo (2010) o bairro do Uberaba está entre os 5 bairros mais violentos de Curitiba⁴.

Conforme os dados do IPPUC⁵, o bairro apresenta quinze jardinetes e quinze praças. No qual, destacamos a praça Renato Russo sendo a maior do bairro, com 21.213 m² de área total, localizada próximo ao Colégio Estadual Alfredo Parody. A praça está situada entre as ruas Cap. Leônidas Marques, Velcy Bolivar Grando e Amauri Mauad Guerios.

⁴ Os demais bairros apresentados na reportagem são, Cajuru, Cidade Industrial de Curitiba (CIC), Sítio Cercado, Uberaba e Tatuquara.

⁵ Fonte: SMMA/Parques e Praças, IPPUC/Banco de Dados.

3. O FENÔMENO LAZER

Como mencionado anteriormente, Curitiba apresenta diversos espaços públicos destinados ao lazer. Contudo, os principais espaços, como os grandes parques, bosques e praças, estão localizados, com maior intensidade, em determinadas regiões da cidade, principalmente nas regiões de maior poder aquisitivo.

Do nosso ponto de vista, a condição de cidade do bem estar, restringe-se exclusivamente àquelas áreas urbanas onde o atendimento de bens e serviços se respalda em condições de salário e renda mais elevadas que em bairros periféricos e municípios da região metropolitana de Curitiba. (SANCHEZ, 1993, p.157)

Para Marcellino, devido à concentração elevada do número de habitantes, as periferias das cidades, podem ser consideradas como depósito de habitações, resultante de um crescimento populacional desorganizado e sem infra-estrutura.

As camadas menos favorecidas da população vêm sendo expulsas para a periferia, e portanto, afastadas dos serviços, dos equipamentos específicos; justamente as pessoas que não podem contar com as mínimas condições para a prática do lazer em suas residências... (1996, p. 26)

Assim, os espaços de lazer que podemos encontrar em comunidades periféricas, em muitas situações, não atendem a demanda de usuários e seus equipamentos estão em processo de deterioração. Sendo o direito ao lazer assegurado na constituição brasileira, cabe aos órgãos governamentais oportunizar espaços para a vivência desses momentos. “[...] os espaços urbanos equipados, conservados e principalmente animados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos e que se constituem num direito dos brasileiros” (MUELLER, 2002, p.2, citado por GONÇALVES, 2008, p. 46).

Para Mascarenhas, podemos compreender o lazer como um “fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia”. (2003, p. 97). Ou seja, no tempo de lazer a vivência lúdica estaria atrelada com o exercício político no sentido de transformação social.

Marcellino (1995) aponta o caráter educativo para o lazer e pelo lazer, nessa perspectiva o lazer seria veículo e objeto de educação. Desta forma, Tschoke afirma que,

O sentido “para o lazer” pode ser expresso pela capacidade de escolha e pela possibilidade do indivíduo vivenciar e experienciar o lazer, o que pode acabar gerando novas sensibilidades. No sentido de “pelo lazer”, este fenômeno é utilizado como caminho possível para novas reflexões, novas formas de educação, e pelo favorecimento do entendimento do lazer como um direito. (2010, p. 16)

Coadunando com as reflexões educativas do lazer, Rechia acrescenta o caráter transformador da vivência ao lazer. No qual, podemos compreender as experiências no âmbito do lazer de forma transformadora por meio da autocrítica “no interior das práticas de lazer e por meio delas os sujeitos, conscientemente ou não, podem realizar – na extensão de suas possibilidades – a crítica de sua vida cotidiana.” (2003, p.16).

Assim, concordamos com Gonçalves ao acreditar no lazer

Como possibilidade de fruição de experiências significativas no tempo e espaço, em que o ser humano de forma lúdica possa potencializar suas ações críticas, criativas e transformadoras, e enfim o lazer vivenciado de maneira astuta possa contribuir na busca pela emancipação dos seres humanos. (2008, p.58)

Contudo, é no espaço público que as experiências no âmbito do lazer se tornam mais significativas, “se os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência privada, a cidade não teria serventia. (JACOBS, 2000, p. 59). No entanto, para que a pessoa se aproprie de determinado espaço, ela precisa confiar que o espaço é seguro.

“Esse sentimento só é gerado após contatos nas próprias ruas, tornando o ambiente e as pessoas conhecidas. É um processo que só acontece na prática, e que pode contribuir para o desenvolvimento de uma identidade pública das pessoas.” (2010, TSCHOKE, p. 18).

4. O FENÔMENO VIOLÊNCIA

Atualmente a violência se tornou parte do cotidiano do cidadão. Vivemos ou deixamos de viver em sua função. Jornais a todo o momento, noticiam diversas situações de violência, o que demonstra o estado de insegurança a que estamos sujeitos. Como consequência, podemos observar como a arquitetura urbana está se modificando, casas que antes apresentavam vastos jardins, convidando o público que passava pelas ruas a contemplar a sua beleza, dão lugar a um planejamento arquitetônico que preza pela segurança, com muros altos, cercas e grades que transformam as casas em verdadeiras fortalezas.

Devido ao fato da violência ser um fenômeno presente na vida do homem, Odalia (1983), questiona se violência, é um modo de ser do cidadão contemporâneo. O autor afirma que a violência nas sociedades sempre existiu; o que pode variar é a forma como ela no decorrer do tempo foi expressa. Na Idade Média, por exemplo, quando os Cristãos eram proibidos de expressar a sua fé por serem considerados hereges, o resultado por seus atos de desobediência era a punição por aquelas pessoas que detinham o poder. Ou seja, a punição acontecia pela transgressão de normas fixadas arbitrariamente. Enquanto que para as classes dominantes a lei seria um privilégio, para as classes dominadas, seria um mecanismo de repressão.

O ato violento não traz em si um etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência. (ODALIA, 1983, p.23)

Nesta situação o ato violento passou a ser lícito, pois houve uma descaracterização da violência, resultante da incompatibilidade de ideologias.

Os valores morais que constituem uma sociedade determinam a maneira correta que indivíduo deve agir, quando esses valores são divergentes da maneira com que o indivíduo gostaria de agir, ele se torna pressionado a agir segundo algo que não foi proposto por ele mesmo. "... o agente não age em conformidade consigo mesmo e sim em conformidade com algo que lhe é exterior e que constitui a moral de sua sociedade". (CHAUI, 1998).

As desigualdades econômicas, a naturalidade como vemos a pobreza e miséria como condição pertencente as classes sociais mais baixas, e do outro, a riqueza como a

conquista das classes sociais mais altas, aparecem como naturais no processo de desenvolvimento das sociedades.

Uma longa tradição no pensamento ocidental se empenhou e se empenha até agora no sentido de demonstrar que a desigualdade é uma condição imprescindível, para que se tenha uma sociedade mais rica, mais complexa, e menos distributiva. (ODALIA, 1983, p.26)

O equilíbrio entre as classes, passaria a ser visto como um abuso as normas de competitividade e das diferenças individuais. Deste modo, colaborando para a constituição de uma sociedade injusta. Odalia, nos diz que estamos acostumados com as condições de desigualdade, “riquezas e misérias são consumidas, através do jornal, do cinema, da televisão, em doses tão maciças que a vizinhança espúria funciona como um antídoto – inibidor dos germes da revolta e do inconformismo” (1983, p.28). Ou seja, muitas vezes, inconscientes, acreditamos que por ser normal a injustiça, não se pode fazer nada para mudar essa situação, e assim legitimamos a desigualdade.

Dessa maneira, as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, a corrupção como forma de funcionamento das instituições, o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, sexual e política não são consideradas formas de violência. (CHAUÍ, 1998)

Quando políticos utilizam de verbas públicas, que seriam destinadas a promoção da saúde da população, para satisfazer as suas necessidades pessoais, acabam colaborando para que milhares de pessoas morram em filas de precários hospitais. Neste caso temos a naturalização do estado de violência⁶, resultante das desigualdades.

Odalia considera a violência como forma de privação:

[...] privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoa e como cidadãos. A violência nos impede não apenas de ser o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente de nos realizar como homens. (1983, p.86)

A sociedade capitalista ao mesmo tempo em que luta contra atos de violência, alimenta o estado de violência, seja pela indiferença em relação as desigualdades sociais ou pela contemplação passiva da corrupção. Procura-se combater os atos de

⁶ Para Odalia determinadas atitudes, costumes e tradições encobrem certas práticas violentas realizadas na sociedade, dificultando a compreensão imediata de seu caráter.

violência com o aumento do número de policiais nas ruas, como forma de privar o indivíduo de cometer atos delituosos. Enquanto isso, praticamente nada é feito para combater o estado de violência, que é a origem de alguns atos de violência.

Boa parte da população não possui emprego e quando possui, recebe um pequeno salário que é insuficiente para alimentar a própria família, sobrevivem em condições precárias de moradia e como consequência a saúde é muitas vezes debilitada. Essas pessoas observam diariamente um outro contexto diferente do que estão acostumados, famílias com alimentação nutritiva, casas imensas e confortáveis, localizadas em regiões nobres onde não é o traficante que determina o horário que é permitido caminhar pelas ruas. “... o aumento da desigualdade afeta dois extremos, uma vez que pessoas muito pobres esperariam muito pouco do emprego legal e, ao mesmo tempo, teriam a expectativa de altos lucros recorrendo ao crime violento...” (CANO E SANTOS, 2007, p. 11).

É claro que não são somente as pessoas pobres que cometem atos violentos. Indivíduos das diferentes classes sociais utilizam destes atos para satisfazer as suas diversas necessidades. “A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos.” (CHAUÍ, 1998).

5. ANÁLISE DOS DADOS.

Como o objetivo desta pesquisa é verificar se a insegurança, em determinada região do bairro Uberaba, interfere na apropriação dos espaços públicos de lazer da comunidade local, aplicamos um questionário a 70 adolescentes da presente comunidade, sendo 35 entrevistados do gênero masculino e 35 do gênero feminino. A coleta dos dados ocorreu no mês de outubro de 2010.

Determinamos como público alvo, adolescentes de 13 a 16 anos de idade. Estudantes da 8ª série do Colégio Estadual Alfredo Parody. A escolha da faixa etária pesquisada ocorreu por ser um público, que possui certa autonomia em frequentar os espaços públicos de lazer, sem necessariamente ter a supervisão de um responsável. Já a escolha em relação ao Colégio, acontece por ser este o mais próximo da região analisada e que atende aos estudantes da 8ª série.

O questionário contou com 5 questões (em anexo) e foi aplicado no momento em que os estudantes estavam em sala de aula. Não houve diferenciação nas respostas em relação a gênero ou idade.

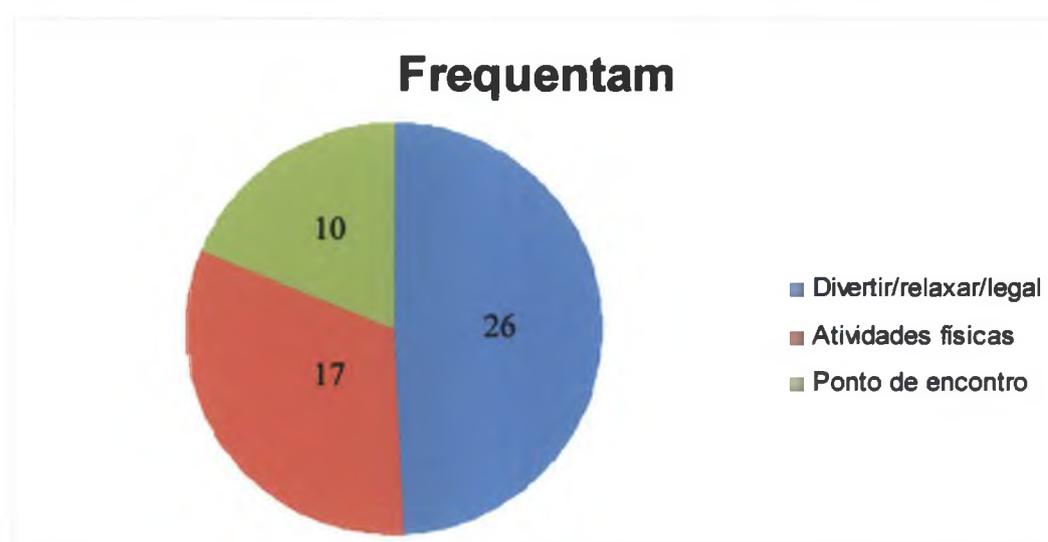
Na primeira pergunta que realizamos, que objetivava descobrir se os indivíduos frequentam os espaços públicos de lazer da comunidade, 53 adolescentes afirmaram que frequentam, enquanto 17 afirmaram que não frequentam. (Gráfico 1).

GRÁFICO 1 - APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER.



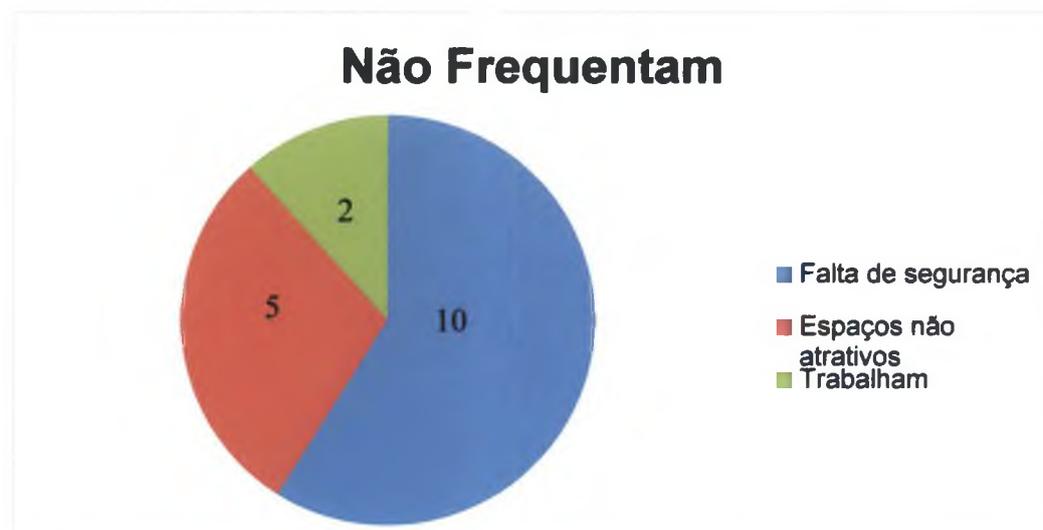
Dos 53 adolescentes que frequentam os espaços públicos de lazer. Destes, podemos destacar 26 respostas, que dizem frequentar os espaços para se divertir, relaxar ou simplesmente por que o espaço é “legal”. Outros 17 adolescentes frequentam os espaços para a prática de atividades físicas, como jogar futebol e voleibol e caminhar. Dez indivíduos frequentam os espaços, por ser um lugar onde se pode encontrar com os amigos, ou por ser um espaço de lazer da comunidade. (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 - FREQUENTAM OS ESPAÇOS PÚBLICO DE LAZER



Contudo, 17 adolescentes não frequentam os espaços. Dez atrelam a falta de segurança como fator que impossibilita a apropriação. Já, 5 indivíduos não frequentam, por não acharem os espaços atrativos, e 2 indivíduos, não frequentam pois trabalham. (Gráfico 3).

GRÁFICO 3 - NÃO FREQUENTAM OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER



Com a segunda questão do questionário, procuramos descobrir que atividades os adolescentes, gostam de fazer nos espaços públicos de lazer da comunidade. Dentre as 70 respostas do questionário, 8 adolescentes afirmaram que não frequentam os espaços. Entretanto, 62 entrevistados frequentam aos espaços. No qual, vários adolescentes realizam mais de uma atividade. Contudo, 18 adolescentes, relatam que jogam apenas futebol e voleibol. Já, 24 indivíduos apontam além da prática do futebol e voleibol, atividades como, soltar pipa (2), andar de skate (1), andar de bicicleta (3), caminhada (4), correr (2), brincar (3), passear (5), piquenique (1), ponto de encontro entre amigos (5) e relaxar (2). Já para 20 adolescentes, que não relataram a prática do futebol e voleibol, a apropriação dos espaços acontece para a leitura (1), namorar (2), estudar (2), correr (5), ponto de encontro entre amigos (6), caminhar (5), andar de skate (2), andar de bicicleta (1), relaxar (1) e para realizar piquenique (1). (Gráfico 4).

GRÁFICO 4 – ATIVIDADES QUE OS ADOLESCENTES REALIZAM



Já na pergunta três, o objetivo é descobrir a opinião dos adolescentes em relação a segurança nos espaços públicos de lazer. Quatro adolescentes acreditam que tais espaços oferecem segurança, 7 entrevistados acreditam que somente em determinado momento os espaços apresentam segurança, 2 adolescentes não souberam opinar e para 57 indivíduos os espaços são inseguros. Destes, os espaços não oferecem seguranças, pois falta policiamento (11), são abertos ao público, qualquer pessoa pode frequentar (8), são apropriados por pessoas que os utilizam os espaços para o tráfico, consumo de drogas e para realizar assaltos (22) e para 16 adolescentes os espaços de lazer da comunidade não oferecem segurança, devido aos altos índices de violência na comunidade. (Gráfico 5).

GRÁFICO 5 – CAUSAS



Em relação a questão 4, quais motivos que os adolescentes acreditam que interfira na apropriação dos espaços, em 30 respostas ao questionário, a falta de segurança é mencionada. A presença de pessoas que utilizam os espaços para o consumo de drogas, praticar assaltos e vandalismo é mencionado em 15 respostas. A falta de estrutura aparece em 29 respostas e a limpeza deficitária em 10 respostas. (Gráfico 6).

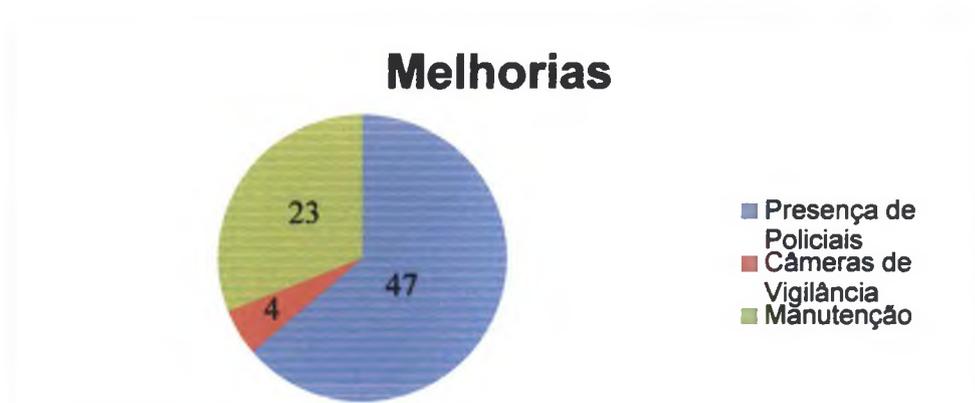
GRÁFICO 6 - MOTIVOS QUE INTERFEREM NA APROPRIAÇÃO



Na quinta e última questão, os entrevistados poderiam sugerir soluções para melhorar a segurança dos espaços públicos de lazer. Em 47 respostas, os adolescentes mencionam que a presença de policiais nos espaços melhoraria a segurança. Em quatro respostas os adolescente sugerem a colocação de câmeras de vigilância. Já para 23

indivíduos a manutenção e a limpeza dos espaços, poderiam ser mais significativa, assim, melhoraria a segurança. (Gráfico 7).

GRÁFICO 7 - MELHORAR A SEGURANÇA



6. DISCUSSÃO DOS DADOS

São nos espaços públicos que as relações sociais se estabelecem, segundo Negt, "... é no espaço público que se desenvolve a cultura e o contato com o estranho", (2002, p.22). Sobretudo, nos espaços destinados ao lazer, como as praças, bosques e parques. Como podemos observar nos dados da pesquisa, a maioria dos indivíduos freqüentam esses lugares para se relacionarem com os amigos, seja para a prática de atividades esportivas ou para relaxar em meio ao "ar livre", conforme observamos nos relatos.

Por que eu gosto de sair, tomar um ar para ir com os amigos.
Frequento para jogar bola, caminhar.
Por que é bom se divertir ao ar-livre.

Tais espaços deveriam proporcionar ambientes saudáveis para que a sociedade possa se apropriar dos mesmos. No entanto, quando esses espaços não proporcionam as mínimas condições de segurança, limpeza e equipamentos adequados para a população, eles perdem sua característica atrativa e conseqüentemente, deixam de ser frequentados, como podemos observar nas respostas dos seguintes indivíduos.

Não frequento, por medo de ser assaltada.
Não, por que minha mãe não deixa, ela acha perigoso.
Não, por que não tem nada de interessante.

Na primeira pergunta realizada, que visava descobrir se os adolescentes frequentavam os espaços de lazer, 17 deles relataram que não freqüentavam esses locais. Entretanto, na segunda pergunta que tinha por objetivo investigar quais atividades os adolescentes realizam nesses ambientes destinados ao lazer, apenas 8 deles indicaram que não freqüentavam tais espaços. Tendo assim uma diferença, sendo que na segunda questão, o número de pessoas que não freqüentam os espaços, deveria coincidir com o número de não frequentadores da primeira questão. Como a pergunta na questão dois, evocava atividades que os participantes da pesquisa gostam de fazer nos espaços destinados ao lazer, essa diferença de dados pode ser respondida por meio da resposta do seguinte adolescente.

Não frequento, mas se fosse iria ser pra jogar bola.

Ao analisarmos a presente declaração, podemos concluir que talvez, alguns desses adolescentes ao responderem o questionário, apontaram atividades que gostariam de praticar nesses locais. Contudo, por diversos motivos ou circunstâncias, não realizam. No caso desta pesquisa, podemos observar que um dos motivos mais significativos e expressivos é a falta de segurança. Como podemos observar na resposta do seguinte adolescente.

Eu gostaria de me divertir, passar o tempo, praticar alguma atividade, mas como estão sem cuidados, segurança, não frequento.

As formas dos indivíduos se relacionarem em sociedade é influenciada pela falta de segurança que a população das grandes cidades está sujeita. Um exemplo disso é o “toque de recolher”, no qual os traficantes da região são os responsáveis por determinar o horário em que a população pode circular pelas ruas da comunidade. Com a banalização do estado de violência, os atos de violência se tornaram frequentes em determinadas regiões, o que tem amedrontado a sociedade. Como podemos observar, analisando as respostas das questões três e quatro, a insegurança está diretamente ligada em relação à apropriação ou desapropriação dos espaços públicos. Quando questionado se os espaços de lazer da comunidade oferecem segurança aos seus frequentadores, 64 adolescentes afirmaram que não, e na questão quatro, que buscava investigar os motivos que interferem na apropriação desses lugares, as respostas que envolvem a falta de segurança aparecem em 45 respostas. Conforme os seguintes relatos.

Não, por que não tem policial e nem guarda.

Não, por que todo mundo pode frequentar e nem sempre é gente boa.

Não, por que tem muita violência nesses lugares.

Conforme observamos, além da falta de segurança ser um percalço para que a apropriação ocorra de maneira significativa, outros fatores que geram limitação podem ser presenciados nos relatos dos adolescentes, tais como: a falta de equipamentos, aparelhos deteriorados e acúmulo do lixo. Quando os espaços e equipamentos de lazer não agradam a comunidade, eles se enquadram na categoria de parques, praças e bosques de pouco uso, cujos equipamentos se transformam em alvo de vandalismo, dificultando a apropriação pelo restante da população. (RECHIA, 2003). Conforme a resposta do seguinte adolescente

As vezes os marginais ficam em alguns lugares desses, e daí interfere ao nosso uso.

Para melhorar a segurança dos espaços públicos de lazer, a grande maioria dos adolescentes, apontam como solução a presença constante de policiais. Alguns mencionam a instalação de câmeras de vigilância. A infra-estrutura deficitária dos espaços, também é citada pelos adolescentes. Para eles, os espaços de lazer da comunidade apresentam pouca iluminação. Conforme podemos averiguar.

Mais iluminação e policiamento
Eu iria colocar mais policiais e câmeras para melhorar a segurança

A presença de pessoas vigiando os espaços de lazer e as ruas, podem conotar uma aparente segurança, conforme apontaram as respostas do questionário. Segundo Jacobs, para que haja segurança nas ruas “devem existir olhos para as ruas, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua” (2000, p.36). A presença dos “olhos vigilantes” poderia denunciar os abusos violentos que ocorrem. Contudo, nas comunidades mais violentas, os moradores por medo das represálias que podem sofrer, caso resolvam cuidar dos espaços públicos ou da segurança das pessoas que habitam na comunidade, podem sentir-se reprimidos e a lei do silêncio pode prevalecer. Talvez, por medo de possíveis retaliações, os adolescentes transferem aos policiais, a tarefa de vigiar os espaços.

Em relação à iluminação deficitária, deixando os espaços com pouca iluminação, Jacobs afirma que a iluminação é importante, pois induz a pessoa a contribuir para a vigilância da rua. Contudo,

As luzes não têm efeito algum se não houver olhos e não existir no cérebro por trás dos olhos a quase inconsciente reconfirmação de apoio geral na rua para a preservação da civilidade. Quando não há olhos atentos, podem ocorrer crimes horrorosos em público. (2000. p. 43)

Rechia, citando Santos (2002), nos alerta que tratar problemas de cunho social utilizando-se de remédios simplesmente tópicos, de forma funcional, pode até trazer efeitos num curtíssimo prazo, mas poderá levar a uma crise ainda maior (2003. p.168). Assim, corroboramos com a resposta do seguinte adolescente, que aponta,

Para melhorar a segurança teríamos que acabar com a violência, e para acabar com a violência teríamos que reeducar todo o país.

Assim, a educação seria uma medida, em conjunto com outras ações sociais, para combater as questões que originam a violência. Desta maneira, uma educação que valorize e incentive a formação do sujeito crítico sobre os problemas sociais, pode conscientizar o indivíduo sobre os seus deveres e direitos enquanto cidadão.

7. CONCLUSÃO

A partir da década de 70, Curitiba passa por um grande período de transformação física, econômico-social e cultural, o qual modificou o seu cenário urbano. Tais transformações, contribuíram para a construção da imagem de uma cidade planejada, cidade de primeiro mundo, capital ecológica, reconhecida nacionalmente e internacionalmente como uma cidade que se preocupou em ofertar qualidade de vida para a sua população.

Contudo é nesse período também, que “verificamos a canalização de esforços para assegurar a qualidade de vida daqueles segmentos sociais beneficiados, de fato, pelo produto da modernização” (SÁNCHEZ, 1993, p.156). Ou seja, ao nível de política urbana, temos a exclusão das demais classes sociais. Principalmente, daquelas classes de cidadãos que residem nas periferias e na região metropolitana.

Segundo Marcellino (1996), as classes que possuem baixa renda, são expulsas para a periferia da cidade, o que ocasiona um elevado número de concentração de moradores, transformando as periferias em depósito de habitantes. Resultante de um crescimento populacional desorganizado e sem infra-estrutura.

O bairro do Uberaba, tendo o foco deste estudo determinada região localizada no presente bairro, situado na periferia de Curitiba. Enfrenta problemas decorrentes da falta de infra-estrutura e desigualdade econômica, como a vivência constantemente, pelo seus moradores, dos atos de violência. Como exemplo, citamos um acontecimento ocorrido em setembro deste ano no Colégio Estadual Alfredo Parodi, o qual realizamos a coleta de dados, foi alvo de vândalos, segundo reportagem vinculada no site do jornal Gazeta do Povo (2010), marginais atearam fogo em cinco salas de aula da instituição.

Desta maneira, a apropriação dos espaços públicos de lazer está relacionada com a segurança que a região proporciona. Se a população não sente segurança ao caminhar pelas ruas da comunidade, seja por diversos fatores como o receio de ser assaltada ou por possíveis represarias decorrentes do “toque de recolher”, ela tende a ficar confinada em suas casas. E a apropriação dos espaços públicos tende a acontecer com certas restrições. No caso analisado, podemos constatar que na perspectiva dos adolescentes, os espaços não oferecem segurança, pois em sua maioria são apropriados

por pessoas que os utilizam para o consumo de drogas, para o tráfico e para realização de assaltos.

Já os fatores que interferem no uso dos espaços, conforme podemos concluir pelo relato dos adolescentes, são a falta de estrutura física, seja pela presença de equipamentos deteriorados ou a ausência de equipamentos que atendam a necessidade da comunidade, a limpeza deficitária, pois a retirada do lixo não ocorre de maneira significativa. Mas o principal fator que interfere na apropriação dos espaços públicos é a falta de segurança. Pois, constantemente é mencionado nas respostas dos entrevistados.

Contudo, visto as dificuldades que os adolescentes vivenciam cotidianamente, como os atos de violência e os demais problemas públicos apontados, a maioria dos sujeitos entrevistados, ainda frequentam aos espaços. Mas, para que a apropriação possa ocorrer de maneira significativa, é necessário que haja uma maior atuação do poder público no bairro, pois o mesmo carece de maiores investimentos em áreas básicas.

REFERÊNCIAS

BLUMENFELD, H. A metrópole moderna. In. DAVIS, K. **Cidades: a urbanização da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 52-70.

CANO, S; SANTOS, N. **Violência letal, renda e desigualdade social no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

CHAUÍ, M. **Ética e violência. Teoria e debate**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, ano 11, n. 39, out./nov.dez. 1998.

DAVIS, K. A urbanização da Humanidade. In: _____. **Cidades: a urbanização da humanidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 13-35.

GAZETA DO POVO. **Onde é arriscado viver em Curitiba**, disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=798615>. Acessado em: 17 out. 2010.

GAZETA DO POVO. **Vândalos invadem e colocam fogo em colégio estadual no Uberaba**, disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1045453&tit=Vandalos-invadem-e-colocam-fogo-em-colegio-estadual-no-Uberaba>. Acessado em: 17 out. 2010. 2009.

GONÇALVES, F. S. **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC. Curitiba em dados. Disponível em:

<http://www.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.asp?ampliar=n%C3%A3o>. Acessado em: 17 out. 2010

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, H. **O direito a cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

MOLINA NETO, V. *et al.* **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

NEGT, O. Espaço Público e experiência. In Pallamin, V. M.; Ludemann, M. (coord) **Cidade e cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ODALIA, N. **O que é violência**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SANCHEZ, F. E. G. **Curitiba imagem e mito: reflexão acerca da construção social de uma imagem hegemônica**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, M. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S. A, 1965.

TSCHOKE, A. **Lazer na infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na periferia de Curitiba/Paraná**, Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ANEXO**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ADOLESCENTES**

Idade _____ Sexo: () Masculino () Feminino

1 - Você freqüenta os espaços destinados ao lazer da comunidade (parques, bosques e praças).

() Sim, por que? _____

() Não, por que? _____

2 - O que você mais gosta de fazer nos parques, bosques e praças?

3 - Você acha esses espaços (parques, bosques e praças) seguros, por que?

4 - Quais motivos você acha que interfere no uso dos espaços destinados ao lazer (parques, bosques e praças)?

5 - Se fosse para melhorar a segurança dos espaços (parques, bosques e praças) o que você faria?

